

Entrevista com o professor Oswaldo Bueno Amorim Filho*

Geosul: Estamos aqui reunidos no dia 28 de setembro de 2005, na cidade de Fortaleza, e iniciamos a entrevista perguntando onde o senhor nasceu, estudou, sua família...

Prof. Amorim: Primeiramente gostaria de dizer da minha satisfação de estar aqui reunido com os colegas de Santa Catarina que integram essa revista de que eu gosto muito e de poder discutir questões ligadas à geografia. Como vocês estão me pedindo para começar com uma pequena autobiografia, vamos lá. Eu sou mineiro, nasci numa cidade do interior chamada Formiga que, por uma dessas coincidências, muitos anos depois seria objeto de minha tese de doutorado. Fui criado primeiramente na zona rural, na região do Alto Paranaíba, na entrada do Triângulo Mineiro, e eu tenho impressão de que minha vocação para a geografia começa um pouco aí. Porque eu tive a sorte de ter uma professora dentro de casa, a minha mãe que está viva até hoje, e também meu pai, que era um negociante de gado, e que me deu a oportunidade de viajar desde muito pequeno, 3 ou 4 anos. E a vontade de conhecer o mundo e ver outras paisagens nasceu desta primeira experiência, muito familiar. Minha mãe me alfabetizou e algumas das minhas primeiras leituras acabariam por me influenciar, como um livro que é uma condensação do Marco Pólo, que eu li pelos 6 ou 7 anos. As viagens com meu pai também foram muito importantes; nós viajavamos a cavalo, passando por fazendas, ele comprando gado,

* Professor aposentado da UFMG, e atualmente coordenador do programa de pós-graduação em Geografia – Tratamento da Informação Espacial, da PUC de Minas Gerais (infoespa@pucminas.br). Entrevista realizada em Fortaleza, em setembro de 2005, por ocasião do VI Encontro Nacional da ANPEGE. Participaram da entrevista os professores Maria Dolores Buss, Sandra Maria de Arruda Furtado e Ewerton Vieira Machado. Texto revisado e autorizado pelo entrevistado, em outubro de 2005.

e mostrava coisas das fazendas e das paisagens. A geografia que eu faço deve muito a isto, na medida em que eu não sou um geógrafo de gabinete, no sentido que hoje nós temos alguns. Eu gosto do campo, gosto de estar em contato com a realidade. Depois meus primeiros estudos formais foram feitos numa cidade que considero como a minha segunda cidade, São Gotardo, no Alto Paranaíba. Lá eu tive alguns professores que tiveram influência muito grande na minha formação, inclusive os professores de geografia. Outra influência importante veio das leituras, algumas tipicamente infantis ou de adolescente que acabaram me atraindo para um pensamento que seria o pensamento geográfico, como por exemplo, um autor que foi traduzido lá no sul do Brasil, um alemão chamado Karl May. Eram vários volumes de aventuras pelo mundo, e pela primeira vez eu ouvia falar tanto nos Bálcãs e no Oriente Próximo. E também as histórias de revistas em quadrinhos como o Tarzan; eu duvido que uma criança que tenha lido Tarzan não pense nas paisagens e nos povos da África, mesmo que seja sob o ponto de vista do colonizador. Eu gostaria também de mencionar que, quando terminei o que é hoje o primeiro grau, e como em São Gotardo não havia o científico ou o clássico, tive que sair e ir para Belo Horizonte, com 15 ou 16 anos. Mas, antes, tem um episódio que tem muito a ver com o futuro também: ainda acompanhando o meu pai nas suas andanças à procura de gado, passei três meses, nas férias, em uma fazenda na Serra do Cipó, em Minas Gerais. Ainda hoje a Serra do Cipó é um lugar que não é bem conhecido, é um braço do Espinhaço, fica na parte centro-norte de Minas Gerais e hoje está sendo descoberta pelo turismo. Nesta época, eu estava com 16 anos, foi em 1961, e eu me esqueci de falar que nasci em 1944. E próximo a esta fazenda eu conheci um francês que tinha fugido para o Brasil por causa da guerra, e que me ensinou algumas coisas de francês. Eu estou falando isto porque mais tarde a França vai ter um importante papel na minha vida. O nome deste francês era Pierre Lafontaine, que é um sobrenome conhecido. Ele me ensinou as primeiras palavras de francês e foi a única pessoa que conseguiu me ensinar alguma

matemática, que não é o meu ponto mais forte. Ele falava com tristeza da sua cidade, Bordeaux, e que tinha sido obrigado a deixar a família dele por causa da guerra, e que se eu algum dia fosse lá, visitasse a cidade e a família. Estou dizendo isto porque mais tarde Bordeaux terá uma importância enorme em minha formação.

Aí fomos para Belo Horizonte; a família toda. E a minha tendência no primeiro momento foi fazer o que era tradição; na família Bueno havia muitos juristas em Minas Gerais, e fui mais ou menos encaminhado para isto. Mas havia alguma coisa que me chamava para outro lado. Fiz o vestibular para a Escola de Direito da UFMG. Estávamos em um tempo de regime de exceção no Brasil, e o direito perdeu muito com os atos institucionais, e eu fiquei muito decepcionado. Em 1966, decidi, contra a vontade de minha família, abandonar o direito e fazer outra escola. Entrei no primeiro ano de geografia em 1967, no Instituto de Geociências da Universidade Federal. Vale a pena mencionar que tinha estudado nos livros do Aroldo de Azevedo, e hoje apesar de haver muitas críticas a estes livros, devo confessar que é uma coleção que eu continuo adorando e que tem muito a ver com a minha opção pela geografia. Para não alongar muito minha história pessoal, de 1967 a 1970 fiz o curso de geografia. Tinha professores extraordinários, lembrando aqui alguns nomes para homenageá-los, já que eu não vou me lembrar de todos. Tinha a professora Guiomar de Azevedo, Getúlio Vargas Barbosa, David Márcio dos Santos Rodrigues, Laura Wanderlei, Fabiano e Faraildes dos Santos, e muitos outros. Havia também dois professores franceses, de um convênio da UFMG e a França, que me marcaram muito, inclusive pela minha opção epistemológica na geografia: o professor Raymond Pebayle, que fez uma tese sobre a região colonial do Rio Grande do Sul, e o outro, o professor Yves Gervaise, um dos grandes geógrafos agrários franceses. E estas pessoas é que acabaram por me levar para o último estágio de minha formação, ou seja, a minha pós-graduação na França. Yves Gervaise indicou-me para uma bolsa de doutorado (do Governo Francês), na França, a partir de 1971. Por uma dessas coincidências inexplicáveis, a universidade escolhida

pelo Ministério da Educação Francês – sem a menor interferência minha – foi a de Bordeaux, isto é, a cidade do velho amigo meu e de meu pai, Pierre Lafontaine. Em 1971, eu e minha esposa Elizabeth (também geógrafa, com quem havia me casado em 1969) fomos para Bordeaux, onde ficaria até 26 de dezembro de 1973, quando defenderia minha tese. O curso de doutorado foi realizado no Departamento de Geografia da Universidade de Bordeaux III e no CEGET (Centre d'Études de Géographie Tropicale), este último dirigido pelo meu orientador, Prof. Guy Lasserre. Em Bordeaux, além de meu orientador – um geógrafo completo e agudo conhecedor do mundo tropical – conheci outros grandes geógrafos, como Jean Borde (o maior geógrafo urbano que conheci), Micheline Cassou-Mounat (Cartografia), Pierre Barrère e Henri Enjalbert (Geomorfologia), Alain e Pierre Huetz de Lempis (Geografia Humana e Regional), Pierre Vennetier (África), Jean-Claude Giaccotino (Antilhas) e o Prof. Louis Papy (regionalista e decano da Universidade de Bordeaux). Porém, a maior coincidência foi encontrar, no CEGET de Bordeaux, um dos dois professores franceses do IGC-UFMG em meu tempo de graduação: o professor Raymond Pebayle que, em alguns momentos de minha presença em Bordeaux, juntamente com sua esposa Annie, foram verdadeiros pais para mim.

Voltando da França em 1974, fiz uma carreira muito feliz no IGC-UFMG. Neste período, além de meu filho primogênito Guilherme (que nasceu em 1973 e que hoje faz um “doutorado sanduíche” em Geografia, na Paris VII), nasceram Letícia (que se prepara para o doutorado em Letras, na UFMG) e Bruno (que faz um mestrado em jornalismo em Erfurt, Alemanha). Permaneci no IGC-UFMG até 1995, quando me aposentei.

Geosul: E hoje está na PUC de Minas Gerais...

Prof. Amorim: Em 1996 fui convidado, pelo professor João Francisco de Abreu, para ajudá-lo a organizar o mestrado e o doutorado da PUC. Em um primeiro momento fui sub-coordenador e agora sou o coordenador do programa.

Geosul: Na sua experiência na França e depois seu retorno ao Brasil, continuou seus estudos de geografia urbana ou já se inclinou para a epistemologia?

Prof. Amorim: Pode até parecer exagero, mas eu sou uma pessoa que acredita que a geografia é uma área de integração de conhecimentos. Os franceses, desde Vidal de la Blache, ou até antes, defendem que a geografia não é só física, só humana, só técnica. É o estudo da terra como a morada do homem. Esta é a definição que vem dos clássicos e que continua até hoje, e eu sou muito fiel a isto. Por isso não aceito que haja excesso de especialização na geografia, e também por isso não me refiro à minha formação como geógrafo urbano. Acho que somos geógrafos e tem quatro áreas que me interessam muito. A geografia urbana tem um papel fundamental, e neste Encontro da ANPEGE, em Fortaleza, vou apresentar um trabalho sobre as cidades médias, que tem muito a ver com a minha tese, tema que trabalho desde 1969. Meu interesse pela epistemologia foi despertado quando eu estava na França; chamou-me muita atenção uma discussão que marcava o advento da geografia teórica, ou quantitativa. Nenhum de nós aqui é mais criança, apesar de vocês certamente serem mais jovens do que eu, e todos nos lembramos deste período, em que uma determinada corrente que veio da América do Norte e de certas áreas da Europa tentou unificar a geografia toda. Esta corrente era a geografia teórica ou quantitativa e que alguns também chamavam de nova geografia. Na França, quando eu estava lá, deu um reboliço muito grande. Ouvi Beaujeu-Garnier falando sobre isto e que era importante levar em conta a nova tendência, mas ao mesmo tempo dizendo que a geografia francesa não podia perder a sua essência. O próprio Pierre George, em Rennes, em 1972, dizia: cuidado com a ilusão quantitativa, não se trata de descartar, mas usar com muito cuidado, afinal de contas o computador veio para ficar. Isto tudo me atraiu muito para a epistemologia. E outra coisa: quando voltei para o IGC não havia professor de epistemologia, nem para história do pensamento

geográfico. Eu, como um jovem recém-chegado, tive que assumir estas disciplinas. Em 1974, pela primeira vez foi oferecida a disciplina teoria da geografia no IGC da UFMG. Apesar da minha inexperiência, tomei gosto pela disciplina.

Geosul: Por quais caminhos superou os desafios e conseguiu se firmar nesta área?

Prof. Amorim: Por sorte, quando cheguei, havia no Brasil muita gente discutindo isto também. Havia alguns professores que me ajudaram muito, com seus textos e conferências, inclusive para ser capaz de lecionar essa matéria. Por exemplo: do Rio de Janeiro, Bertha Becker, Roberto Lobato Corrêa, Nilo e Lísia Bernardes; alguns de São Paulo, Nice Lecoque Müller, mais pelas suas obras, pois tive pouco contato com ela; de Rio Claro, Antonio Chistofolletti e outros do grupo de lá que eram defensores da nova geografia, com os quais, em um primeiro momento, tivemos alguns embates, mas depois vi que tinham coisas interessantes, como o pensamento dos professores Diniz e Ceron. Outro que fez um trabalho interessante foi Gervásio Neves no Rio Grande do Sul, antecipando o que seria a geografia cultural de hoje. Milton Santos teve influência, mas não tanta. Quando cheguei a Bordeaux, ele tinha acabado de sair e tinha deixado uma herança meio polêmica: alguns o adoravam, outros o detestavam. Mas os livros dele tiveram importância: **As Cidades do Terceiro Mundo, Espaço Dividido**, no qual são discutidos os dois circuitos da economia urbana, **Geografia Urbana**, e o livro que é a tese dele **O Centro da Cidade de Salvador**, que muitos desconhecem. Por outro lado, a estrutura morfológica da cidade, que sempre foi uma coisa que me atraiu muito, tem pouco a ver com Milton Santos.

Geosul: Mas voltando para a epistemologia, como é que vê, além das correntes que identificou, as de antes e as de depois de Fortaleza em 1978 que influenciaram a geografia brasileira?

Prof. Amorim: Eu vou ligar um pouco isto também com a discussão da nova geografia. Quero deixar claro que eu tenho

espírito muito crítico em relação a ela; acho que houve exageros, mas tem um mérito que não pode ser tirado; ela trouxe para a superfície a discussão epistemológica. Escrevi recentemente, com um orientando, um capítulo de livro, sobre o papel da nova geografia na explicitação da discussão epistemológica no Brasil. Mas, especificamente quanto a esta sua pergunta, quando a gente é mais jovem, é levado a acreditar na idéia de Thomas Kuhn de uma sucessão linear de paradigmas. Mais tarde, ele próprio voltaria atrás um pouco nisto. O livro mais famoso dele foi editado em 1962 e só traduzido no Brasil em 1975, 13 anos depois. Naquela época se acreditou que era possível se ter uma sucessão linear de paradigmas: geografia alemã, depois geografia francesa, nova geografia, e muitos pensavam que ela iria terminar o ciclo. E ficou evidente para mim que tinha uma influência francesa, que não era bem assim; era muito mais complexo que uma sucessão linear de paradigmas. Então o que acontece: em um primeiro momento a tendência é se ter proselitismo paradigmático. Lembro-me de discutir com o prof. Diniz, e outros. Eles tentando provar que a quantificação veio para ficar e que eliminava o trabalho de campo. No Brasil, depois de Fortaleza em 1978 e com a volta do Milton Santos, um novo paradigma quer superar o anterior e se definir como o grande paradigma geográfico. Mas era uma corrente não muito simples, e nem homogênea. Vamos pegar, por exemplo, a França: nomes como Yves Lacoste, Bernard Kaiser, Michel Bruneau, Jacques Levy, entre outros. Alguns nomes que revelam que esta corrente chamada de geografia crítica ou radical era uma constelação. O meu orientador dizia que não sabia o porque deste nome, se a boa geografia sempre foi radical e crítica. Por exemplo, que rótulo você vai dar para Elisée Reclus? Se fosse hoje seria radical ou crítico. Mas esta abordagem trouxe consigo um campo que os geógrafos ignoravam muito, a geografia era um pouco ingênua, o que Yves Lacoste chama “geografia dos professores”. A geografia crítica veio mostrar que a geografia tinha uma responsabilidade no engajamento político, na luta contra a pobreza, na questão do subdesenvolvimento. Eu penso que a teoria marxista

ter sido incorporada na geografia foi um ganho extremamente importante. Mas eu não me filio muito a esta linha, inclusive porque a minha herança francesa não deixa, não tanto pelo que ela pode trazer, que é importante, mas, sim, talvez pelo exagero de tentar fazer a mesma coisa que a nova geografia tinha tentado. Estou conversando com pessoas cujo pensamento eu não conheço. Talvez este pensamento seja pluralista, uma vez que a revista é plural, e isto é o grande mérito dela, tanto quanto a revista Geografia de Rio Claro, que para mim são as duas melhores no Brasil atualmente. A história da geografia sempre foi plural. Estou escrevendo um texto que pretendo publicar com os colegas do Paraná, em que tento mostrar que a geografia sempre foi plural desde o começo, e se houver predominância muito absoluta de uma linha, a geografia estará deixando de ser fiel a sua história. Pelo fato de ter trabalhado com a epistemologia, fui obrigado a fazer um retrospecto, e descobri que, certas linhas que hoje chamamos de críticas, quantitativas ou teóricas, fenomenológicas ou humanísticas, tradicionais ou clássicas, estavam presentes em todos os tempos e em todas as fases da geografia. É natural e desejável essa pluralidade. Eu respeito muito os colegas da geografia crítica, acho que eles têm um papel importante. A única coisa que não concordo é que a corrente seja hegemônica; na geografia há lugar para todas as abordagens. Eu falo francamente, pois depois de uma certa idade você pode falar coisas sem maiores censuras. Tem duas coisas que não concordo na geografia crítica: a ausência de geografia física, e em alguns casos até o desprezo, como também em relação à cartografia e às técnicas. Hoje alguns geógrafos que produziram trabalhos nesta linha começam a se dar conta disto. O grupo de Presidente Prudente é um exemplo. Não os estou catalogando, pois não gosto que me cataloguem. Participei recentemente de uma homenagem à Professora Livia de Oliveira, lá em Londrina, com um prazer tremendo, pois acho que a corrente humanística tem um papel crucial, mas também os seus defeitos. Vi também lá em Presidente Prudente um movimento para resgatar a cartografia. Porque nós iríamos entregar de mão beijada a

cartografia para outros profissionais só porque não está presente ideologicamente na linha que você adota por um certo tempo? A cartografia acompanha o homem desde o início da humanidade, mesmo quando se desenhava na areia ou nas paredes das cavernas. Então, porque vamos entregar a cartografia para um técnico que não tem formação geográfica? Por exemplo: se nós pegarmos um grande número de trabalhos de geógrafos críticos, a geografia física aparece muito remotamente, muito marginalmente, o mesmo acontecendo com a cartografia, o sensoriamento remoto, o geoprocessamento, etc.

Geosul: Mas esta dualidade já não está tão presente, até por conta de que já tem um número crescente de pessoas vindas da área física que tem costurado essa perspectiva, na linha de grandes geógrafos como Carlos Augusto e Aziz Ab'Saber.

Prof. Amorim: Você tem razão! Houve um progresso. As correntes todas acabam confluindo em uma direção que é a geografia. Existe apenas uma geografia, mas várias abordagens. Agora você tocou nos nomes de dois grandes expoentes da geografia brasileira: um deles eu conheço mais e considero o grande geógrafo brasileiro do século XX, e do início do século XXI, ou seja, o professor Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, que tenho na lista dos meus amigos. Ele começou na área mais científica da geografia, pois não se estuda clima sem um embasamento científico profundo, mas transita em todas as alternativas que a geografia possa ter. É um destes geógrafos não catalogáveis. E é um exemplo de humanista. A minha admiração por ele aumentou num lugar inesperado e numa circunstância completamente imprevisível. E isto graças a uma outra abordagem da geografia que eu fui levado a fazer, a geopolítica. Vou fazer um parêntese para explicar. Esta é outra disciplina que não existia no nosso currículo na UFMG na graduação; eu mesmo fiz um abaixo-assinado como estudante para a inclusão desta disciplina até como optativa, em 1968 ou 1969, ao professor Alisson Guimarães, então diretor do IGC. E ele falou que não poderia atender porque os

militares faziam restrições ao ensino da geopolítica, acreditando que era monopólio deles.

Mas vamos voltar ao professor Carlos Augusto. Quando eu comecei a ministrar a geografia política no IGC-UFMG (pela primeira vez em 1977), eu gostava muito de viajar a lugares em que na época estavam ocorrendo conflitos, para ter contato direto com esta realidade. E na década de 80 fiz algumas viagens a lugares onde ocorriam conflitos importantes. Estive nos Bálcãs gregos, no Egito e em Israel. E visitando a universidade Bar Ilan, em Tel Aviv, fui ao departamento de Geografia e fiquei muito surpreso, pois o único professor brasileiro conhecido nesta grande universidade, era o professor Carlos Augusto Monteiro. E fiquei muito impressionado com o que os professores de lá me disseram: este é o maior geógrafo brasileiro; sua contribuição sobre o estudo dos ritmos climáticos e a abertura epistemológica que ele pratica são uma coisa muito importante. Eu já o conhecia bastante, mas procurei me aproximar mais; estivemos em bancas examinadoras e acabei por convidá-lo para cursos em Belo Horizonte, um deles em 1986 sobre percepção ambiental, que é outra paixão minha. E acho que se a gente tem um modelo de geógrafo no Brasil, que respeita cada uma das correntes da geografia contemporânea, esta pessoa é o professor Carlos Augusto. Por isso, em um texto que fiz sobre fenomenologia e geografia que publiquei na excelente revista *Natureza e Sociedade*, de meus amigos uberlandenses, o homenageei.

Geosul: Antes você mencionou três grandes nomes da geografia, e gostaria que comentasse um pouco mais sobre eles: os professores Getúlio Vargas Barbosa, David Márcio, e Guiomar de Azevedo que trabalhou muito com livro didático. Eles foram muito importantes na geografia brasileira nos anos 70 e principalmente na AGB.

Prof. Amorim: Para mim é uma emoção e um prazer falar sobre eles, que tiveram um papel importante na minha formação. São nomes de uma geografia regional, quase provinciana, mas de

estatura internacional. Esta é uma oportunidade de resgatar alguns nomes que de outra forma não seriam muito lembrados. A professora Guiomar, hoje aposentada, contribuiu muitíssimo para a minha formação no IGC da UFMG. Sempre foi preocupada com a valorização da geografia brasileira, que deveria começar na educação e no livro didático. Os livros didáticos da professora Guiomar, sua grande obra, eram muito bem feitos. Eu até sou suspeito, pois em um de seus livros colaborei, quando era jovem. Acho que escrever livros didáticos é muito difícil, devido à responsabilidade em relação à formação de crianças e adolescentes, exigindo um sistema de comunicação muito específico. Quando me aposentei na UFMG, ela me convidou para participar novamente da redação de uma coleção de livros didáticos, mas não aceitei. Ainda com relação à professora Guiomar é preciso mencionar também que se não fosse por ela, eu teria tido dificuldades maiores para estudar na França. O professor Getúlio Barbosa era desses intelectuais que conseguiam conciliar pesquisa de alto nível e engajamento político. Mas ele, infelizmente faleceu prematuramente. Ele foi um homem corajoso numa época em que todos temiam os militares e tinha uma liderança muito forte. Eu nunca deixaria de considerar, em meus estudos, o lado físico da geografia, e a certeza de sua importância eu aprendi principalmente com o professor Getúlio. Era um geomorfólogo completo. Conhecia as grandes teorias (superfícies de aplainamento, ciclos erosivos de Davis, entre outras) e compartilhava de muitas idéias de Jean Tricart, mas mantinha o espírito independente e crítico em relação a elas. No domínio regional, seus conhecimentos sobre o Quadrilátero Ferrífero eram inigualáveis.

Geosul: Além de que estimulava os jovens.

Prof. Amorim: Demais. Ele atraía os jovens. Às vezes a gente discutia, ele tinha esse lado de provocação. Uma pessoa extraordinária.

O professor David Márcio é quase da minha geração. Intelectualmente ele foi, em grande parte, educado pelo professor

Getúlio. O entusiasmo era sua principal característica. O professor Getúlio dizia que nós, geógrafos de Minas, tínhamos “complexo de miosótis”: fazíamos muitas pesquisas, mas não divulgávamos. O professor David Márcio não se enquadrava nesse modelo. Ele dizia que a gente tem que ter coragem de mostrar o que sabe, mesmo que seja pouco. E ele teve coragem de escrever um livro didático, que logo foi traduzido, até para o japonês. Ele para mim é um exemplo da juventude do geógrafo, ativo, corajoso. E havia outros lá no IGC que eu lamento terem sido pouco conhecidos, como a professora Laura Wanderlei, que fez o doutorado nos Estados Unidos, e que nos ensinou muito sobre disciplina, e também geografia regional. E teve um outro professor que para mim foi também importante: Fabiano Marques dos Santos, que era discípulo do professor Alisson, que ensinou muita geografia industrial, da mineração, da circulação. Esta postura plural, de flexibilidade, que nós sempre devemos ter, tem muito a ver com o ensinamento recebido desses professores.

Geosul: E a AGB; como o senhor via e vê atualmente a AGB?

Prof. Amorim: Para ser franco, tenho três fases em relação à AGB. Numa primeira fase participei muito, inclusive no encontro em Belo Horizonte, em que eu era recém-chegado da França e onde pela primeira vez, discuti as cidades médias; participei até um certo período, a partir do qual achei que a AGB ficou muito partidária. Afastei-me um pouco. No final dos anos 80, início dos 90, retornei, principalmente em Minas, pois tenho procurado me aproximar mais da AGB estadual. Na nacional, não tive muita oportunidade, mas gostaria de ter participado mais. Para mim, a AGB teve uma postura, em certos momentos, totalitária, sobretudo no final dos anos 70 e grande parte dos 80, quando deixou de ser pluralista. Houve momentos em que a AGB me pareceu quase um partido. Agora não. Está assumindo uma nova postura, com muito mais flexibilidade e sensibilidade.

Geosul: Isto não está relacionado com o crescimento dos cursos de geografia no Brasil?

E com os novos encontros, como os de geografia agrária, de geografia urbana?

Prof. Amorim: Acho que tem um pouco disto, mas também de outros fatores, que nos envolvem a todos. Penso que se afastou razoavelmente o perigo de se ter na AGB uma única corrente, muito dominante. Isto vale para qualquer organização. Houve um momento em que ela foi muito centralizadora, mas, felizmente, de uns 5 a 10 anos para cá, ela está tomando outra direção. Mas você tem razão em uma coisa: o surgimento de outras organizações e a realização de eventos importantes podem estar contribuindo para esvaziar a AGB.

Geosul: Na verdade, parece que a AGB só existe em função dos grandes eventos nacionais. O local é importante, mas o nacional é o grande evento.

Prof. Amorim: Não tenha dúvida. Mas, há uma escala regional que não pode ser negligenciada. Em Minas Gerais, a AGB parece ter sido bastante ativa. Tão ativa que muitos geógrafos mineiros se contentam apenas com ela. Neste caso, há o risco do provincianismo. Também, não posso deixar de dizer que estou surpreso com o crescimento da ANPEGE, que, desde Florianópolis pode ser notado. Aqui, em Fortaleza, cresceu tanto, que dá a impressão de estar se fragmentando. É muito importante poder manter a coesão de toda e qualquer organização.

Geosul: O ensino de pós-graduação cresceu muito no Brasil...

Prof. Amorim: Lembro-me de que, quando fiz meu doutorado, as possibilidades no Brasil eram bem reduzidas a este respeito. E isto foi há pouco mais de 30 anos.

Geosul: Poderia falar um pouco sobre a geografia mineira e sua contribuição para o Brasil?

Prof. Amorim: A geografia mineira no início era muito caudatária do Rio de Janeiro, principalmente do IBGE e da UFRJ. No meu tempo de estudante é que começou a se abrir o relacionamento com a USP e logo em seguida com a UNESP que teve um crescimento grande naquele período, com os professores Christofolletti e Lúcia Gerardi. Aliás, esta é a primeira vez que vejo uma reunião da ANPEGE sem Lúcia Gerardi, e nós sentimos muito sua falta. Voltando à geografia mineira, pouco se diz sobre isso, mas ela sempre teve uma janela aberta para os grandes centros geográficos internacionais. É engraçado, mas a geografia mineira sempre teve uma influência muito grande da escola francesa e da escola alemã. Todos os professores mineiros que mencionei tiveram uma influência francesa muito grande. A ponto de nós termos um acordo com o Ministério de Educação da França. Os professores Pebayle e Gervaise tinham cargos de adidos técnicos da embaixada francesa. A gente tinha contato com alguns pontos muito particulares no Brasil e um contato internacional significativo. É uma ligação que nunca deixou de existir. Na PUC-Minas, por exemplo, os contatos internacionais do Programa de Pós-Graduação em Geografia vêm se ampliando e diversificando: com a Itália (Universidade de Bolonha), Alemanha (Universidade de Darmstadt), Estados Unidos (Michigan, Illinois), América do Sul (Chile, Argentina), entre outros. A grande diferença do meu tempo de estudante para o de professor é a abertura para outros lugares do Brasil, como Santa Catarina, Paraná (tanto a capital quanto o interior) e o oeste paulista. Com o Rio Grande do Sul, na época de Gervásio Neves e Aldo Paviani as relações eram mais frequentes. Fui, por exemplo, da banca de livre-docência de ambos e achei muito interessante como uma só geografia podia possuir grandes geógrafos com caminhos tão diferenciados. Hoje em dia, esta ligação é bem menor. Com o Nordeste, os mineiros sempre tiveram boas relações com os professores Manoel Corrêa de Andrade e Alexandre F. Diniz. Com Goiás as relações vêm aumentando principalmente após a ida para lá da professora Maria Geralda de Almeida, que foi minha aluna e que também estudou em Bordeaux.

Mas foi com a UNESP de Presidente Prudente, graças principalmente à professora Encarnação B. Sposito que o relacionamento externo da geografia mineira (pelo menos no que se refere à PUC-Minas), mais tem se expandido. Resumindo, pode-se dizer sobre a geografia de Minas Gerais, que ela é plural, até pela própria característica do mineiro. Não gostamos de ficar presos a um só intercâmbio.

Por outro lado, nota-se o quanto a geografia mineira cresceu internamente nas últimas décadas. Vou dar um exemplo: há 20 anos havia uns 10 cursos de geografia em todo o estado. Em 2004 um estudante da pós-graduação da PUC encontrou 46 cursos de graduação em geografia no estado. É um crescimento espantoso. Na pós-graduação também houve crescimento significativo. O primeiro curso de mestrado em geografia em Minas Gerais foi criado em 1987, no IGC-UFMG, a partir dos estudos de uma comissão formada pela professora Guiomar e pelo Carlos Magno Ribeiro e por mim. Depois os de Uberlândia e PUC-Minas foram criados quase simultaneamente. O da PUC foi organizado por professores que se aposentaram na UFMG. O mestrado da PUC, que já vai fazer dez anos, foi seguido desde 1999 pela implantação do curso de doutorado, o primeiro da geografia mineira. Logo em seguida as federais de Belo Horizonte e de Uberlândia também implantaram o doutorado em geografia.

Geosul: Como o senhor vê hoje, no Brasil, a relação entre geografia e o ensino fundamental e médio?

Prof. Amorim: Penso que esse é um tema muito delicado. No passado, o ensino fundamental e médio da geografia sofria com a falta de professores bem preparados. Vou dar um exemplo: lá na cidade onde fui criado, a geografia era ensinada quase exclusivamente com base no livro didático. O que extrapolasse a coleção de Aroldo de Azevedo, não era considerado geografia e não era ensinado. Posteriormente, o mesmo acontecia com as obras de Guiomar Azevedo e de David Márcio. Mas acho que o ensino fundamental e médio de geografia ainda não reflete de maneira

fidedigna, a riqueza da geografia produzida, por exemplo, nas universidades e outras instituições de pesquisa. O número de professores de geografia que se forma no Brasil é considerável. Mas o programa lecionado no ensino fundamental e médio pode melhorar muito; nós negligenciamos quase sempre os trabalhos de campo, a parte técnica e cartográfica no ensino de geografia para crianças e adolescentes. Com isso, os estudantes têm um grande choque quando saem do segundo grau e chegam à academia.

Geosul: Quando fala campo, fala como geografia do meio?

Prof. Amorim: Não apenas, mas também. Nós ainda fazemos uma geografia muito livresca, infelizmente. E outra coisa, se uma orientação dominar muito a geografia isso se refletirá tanto nos livros, quanto no ensino da geografia. Por exemplo, jovens que estão entrando na universidade, referem-se, em função da filiação a uma determinada corrente dominante, a certos temas como pertencentes à geografia, enquanto outros temas devem ser considerados estranhos ao geógrafo. Neste sentido, tem muito professor de geografia deixando de ensinar sobre a questão ambiental porque esta tem sido considerada por certas orientações epistemológicas e ideológicas como não geográfica, e sim ecológica. Outra tendência observada é a diminuição do ensino de geografia regional; não sei se isso acontece em Santa Catarina, mas as pessoas estão perdendo a visão do seu mundo e do mundo como um todo. A gente vê isso claramente nos meios de comunicação, quando, por exemplo, o jornalista se refere às massas de ar que “sobem” do sul para o sudeste ou nordeste. É óbvio que sabem pouca geografia. Na grade curricular dos cursos de jornalismo geralmente não há lugar para o ensino da geografia.

Geosul: Gostaríamos que falasse um pouco sobre a sua experiência em trabalhar com o conceito de paisagem e resgatar as diferentes linhas de pensamento nesse conceito. Um trabalho de sua autoria nesta linha foi publicado no encontro sobre Paisagens, em Rio Claro em 1998, mas acredito que é pouco conhecido.

Prof. Amorim: Essas grandes linhas epistemológicas da geografia acabaram por fazer esquecer alguns aspectos, que considero fundamentais. Tenho escrito que o que dá unidade à geografia, mais do que as grandes teorias, são alguns temas e alguns princípios. Sou meio suspeito, porque tenho trabalhado com epistemologia grande parte de minha vida. Na PUC, leciono teoria da geografia e evolução do pensamento geográfico. Não posso ser acusado de não gostar de teoria. Muita gente acredita que as teorias dão orientação. Isto é verdade, mas temos hoje uma guerra de filosofias, vistas como choque de teorias, por abordagens epistemológicas interpostas. Mas o que manteve a geografia viva por quase dois mil anos? Pode-se dizer com certeza que uma geografia razoavelmente organizada começa nos séculos VIII e VII antes de Cristo, portanto cerca de 2.700 anos atrás. O fato de ela se manter viva é muito mais o resultado de continuar a responder eficientemente às indagações da sociedade, tratar de certos temas melhor do que outras áreas do conhecimento fariam, e seguir determinados princípios que são mais ou menos permanentes. Por exemplo: uma das coisas que vou publicar neste texto já mencionado com o pessoal do Paraná, é uma reflexão sobre sete ou oito princípios, que vêm desde os gregos e que foram aperfeiçoados por franceses, alemães, etc. Nesse momento, estou traduzindo um texto de Vidal de la Blache, escrito em 1899, que se chama “O Princípio da Geografia Geral” no qual ele diz que a Terra é uma totalidade e que as coisas todas estão interligadas. Desse princípio ele tirou um outro que é o da conectividade ou da conexão. O princípio da extensão foi discutido pelos alemães, e o da diferenciação de áreas, é uma antiga tradição da geografia. Tem certas coisas em relação às quais se espera que o geógrafo tenha uma palavra a dizer, que até pode não ser a última: região, lugar, paisagem, espaço, território, etc. E eu considero isto muito mais difícil do que qualquer teoria. Uma teoria tem um escopo, uma definição mais clara, como a teoria de Christaller que é de geografia regional e de geografia urbana. A teoria de Davis é de geologia/geomorfologia, e assim por diante. Não estou querendo

diminuir as teorias, de jeito nenhum, mas as dificuldades para se tratar os grandes temas e princípios da geografia são, paradoxalmente, muito maiores do que as de aplicar as teorias. Quanto às paisagens, só há uma maneira plural de analisá-las, isto é, há várias abordagens para o estudo das paisagens. Além disso, no estudo das paisagens já estamos na fronteira da geografia. Em um livro recente, um autor francês escreveu sobre “a paisagem dos poetas, a paisagem dos arquitetos e a paisagem dos geógrafos”, todas abordagens válidas e necessárias. E acho que é por aí que a geografia tem crescido mais. Você vê o professor Carlos Augusto falando de Guimarães Rosa, ou escrevendo sobre a história da família dele em 5 volumes. Neste domínio fronteiro, um grupo, emergente, de grande potencial é o de Londrina, pela abordagem que eles tem adotado, sob a liderança da professora Yoshio Nakagawara. O trabalho mencionado nesta pergunta trata a paisagem em Humboldt. Todo mundo fala do Humboldt dos Andes, das mensurações precisas, que havia um botânico junto com ele, etc. Mas se esquecem do Humboldt emotivo, ou seja, o Humboldt da introdução à sua obra máxima (Cosmos), onde aparece um capítulo com o título: “considerações sobre os diferentes graus de prazer que oferecem a fisionomia da natureza e o estudo de suas leis”. Esta é uma abordagem bem diferente do cientificismo positivista que as pessoas atrelam à geografia alemã. Muito antes de Humboldt a paisagem já era um tema tão interessante que dentro dele podia-se encontrar toda a geografia. Mas veja, a paisagem, assim como a região, como o espaço, como o território são os grandes temas e conceitos da geografia. São os estudos desses temas que formam um verdadeiro geógrafo, muito mais do que a filiação a esta ou aquela corrente epistemológica ou ideológica que domina por um certo tempo a comunidade geográfica. Esses temas permitem também a nossa ligação com as outras ciências. Nós temos um programa na PUC que se chama Programa de Pós-Graduação em Geografia - Tratamento da Informação Espacial. E já ouvi muita gente falar que isso é apenas uma continuação da geografia quantitativa. Esta é uma visão

incompleta. A idéia do curso que criamos, sob coordenação do professor João Francisco de Abreu, é a de retomar uma coisa que sempre foi do geógrafo desde Eratóstenes na Grécia, mas com uma abordagem humana. 70% de nossos alunos não são geógrafos: são arquitetos, engenheiros, biólogos, economistas, advogados, que buscam este curso para aprender novas técnicas cartográficas e de geoprocessamento, porém não por si mesmas, mas contextualizadas e orientadas pelo “espírito” e pelos princípios geográficos. Assim, estabelece-se uma das grandes contradições da geografia de nosso tempo: enquanto um certo número de geógrafos negligencia ou minimiza, por razões epistemológicas ou ideológicas, princípios, temas, métodos e técnicas tradicionalmente geográficos, muitos não geógrafos procuram os cursos e programas da geografia justamente em busca deles.

Geosul: Nós agradecemos a sua disposição em conceder a entrevista.

Prof. Amorim: Eu também gostaria de agradecer muito esta oportunidade e a gentileza de vocês.